

**T Â K U N A
NAWA BÛH AMTEIYAM
AMKIRA**

MITOS KANAMARI

Walter Sass (Org.)



2007

Direitos autorais: Povo Kanamari e COMIN

Autores dos textos: Ton Antônio Kanamari, Paranem Manoel Kanamari e Ahe Joabes Kanamari

Ilustrações: Ton Antônio Kanamari, Paranem Manoel Kanamari, Ahe Joabes Kanamari e Omam Warikom André Kanamari

Organização e edição dos textos: Walter Sass

Diagramação: France Jerffeson Américo Marques e Walter Sass

Textos produzidos na oficina de língua Kanamari realizada em setembro de 2007 em Carauari-AM e a partir da coleta de textos dos professores indígenas durante dois anos nas aldeias Kanamari do rio Xerua, Flechal, Curabi/Itamarati-AM e Taquara/Carauari-AM

Coordenador dos eventos: Walter Sass, Conselho de Missão entre Índios – COMIN da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB

Distribuição: COMIN-Carauari/AM
Walter Sass
Rua Santos Dumont, 748
69500-000 Carauari/AM
Tel./Fax: (97) 3491 1022
e-mail: waltersass@uol.com.br

Impressão: Evangraf Ltda.

Apoio financeiro: Igreja Evangélica Luterana da Baviera – FA-KED
Freundeskreis Deni – Alemanha

ISBN: 978-85-89732-88-8

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
Caixa Postal 1081
93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / Fax: 3568.7965
www.oikoseditora.com.br
contato@oikoseditora.com.br

Sumário

Prefácio	5
O povo Kanamari	14
Professor Hinuk Nakone Baperah Bak Kanaroh Tom	22
Mensagem dos professores Kanamari	24
Tamah Kirak Nawa Amkira	27
Histórias de Tamah e Kirak	31
Ihtanoh Nawa Amkira	40
História do Fogo	43
Adjabah Nawa Amkira	47
O Espírito Adjaba	48
Wana Adjaba Nawa Amkira	50
Wana e o Espírito Adjaba	51
Wadjah Nawa Amkira	52
O Menino Lua e a Menina Sol	53
Ruyai Nawa Amkira	55
A Onça Ruyai	56
Wapaka Nawa Amkira	58
O Gaviãozinho Wapaka	59
Kutah Nawa Amkira	61
A História do Kutah	62
Yakowari Nawa Amkira	63
A Mãe D'Água	64
Wakuro Nawa Amkira	66

O Sapo Wakuro	67
Ampi Nawa Amkira	68
O Beija-Flor	69
Monha Nawa Amkira	70
O Homem da Abelha	71
Batsêh Nawa Amkira	74
O Veado	75
Tom Nawa Amkira	76
Os Cestos	77
Kobôh Nawah Amkira	78
O Homem e o Pássaro Arapuru	80
Pidah Nawa Amkira	82
História da Onça	84
Piyoyom Nawa Amkira	86
O Sapo Piyoyom	87
Etakirakom Kutsiya Nawa Amkira	89
História das Lontras	90
Pudak Padja Mawéh Paiko Nawa Amkira	92
História da preguiça	93

Prefácio

Dois anos atrás, em 2005, os professores indígenas Ton e Paranem Kanamari, de duas aldeias do rio Xeruã, fizeram um pedido: “Kushuvi, seu Walter, nós queremos coletar os nossos mitos num livro igual aos Deni que o COMIN publicou. Nós estamos trabalhando muito com este livro na sala de aula na aldeia. Não temos um livro com os nossos mitos. Seria importante para nós.” Os Kanamari fizeram esse pedido de novo durante um curso para professores indígenas em 2006.

Os autores dos textos desse livro, três professores Kanamari, participaram de um dos cursos que o COMIN de Carauari oferece regularmente aos professores Deni do rio Xeruã/Itamarati-AM, no intervalo dos cursos do projeto Pira-Yawara de mestrado indígena que a SEDUC-AM promove para os professores Deni, Kulina e Kanamari que lecionam nas aldeias dos municípios de Ipixuna-AM, Eirunepé-AM, Envira-AM, Itamarati-AM e Carauari-AM. O curso de 2005 que o COMIN ministrou tinha como um dos temas “A religiosidade indígena e as outras religiões do mundo”. Os professores perceberam

a importância dos mitos em todas as religiões do mundo. Eles perceberam também o valor da sua própria religiosidade indígena. Um professor Kanamari disse durante o curso, quando se falou do sagrado, especialmente dos livros sagrados de muitas religiões: “Nós deveríamos escrever num futuro livro sobre os nossos mitos – os mitos *sagrados* do povo Kanamari!” No curso, os Deni falaram de um lugar sagrado da caça, os Kanamari de um lago sagrado.

Os professores Kanamari fizeram a pesquisa sobre os mitos nas aldeias do rio Xeruã/Itamarati-AM e na aldeia Taquara/Carauari-AM. Eles gravaram as histórias que os mais velhos contaram e as transcreveram na língua Kanamari. Durante a oficina de elaboração dos textos em 2007, houve intensas discussões entre os professores sobre a ortografia da língua. No fim da oficina, que durou um mês, chegaram a um certo consenso. Ficou claro para os professores Kanamari que os livros que existem na sua língua não correspondem à maneira como os Kanamari das aldeias do rio Xeruã falam e escrevem. Gostei de ver os Kanamari, eles mesmos, elaborar a sua ortografia. É um processo lento. Eles mesmos disseram que aprenderam muito sobre a sua própria língua durante a oficina de elaboração do livro em Carauari.

Gilvan Müller de Oliveira coloca bem a questão da ortografia e da assessoria dos lingüistas: “Assessorias lin-

güísticas ... se fazem porta-vozes dos interesses indígenas e acabam, pela sua força e posição, abafando processos próprios de reflexão, substituindo uma racionalidade comunicativa por uma racionalidade técnica desenvolvida pelo Ocidente nos últimos cem anos ... Os lingüistas não são donos da língua ... seu fazer metodológico não é uma garantia de que as coisas devem ocorrer naquela ordem e não na outra, naquela direção e não em outra, porque essas direções e a velocidade da marcha têm que ser deliberadas pelos agentes culturais indígenas envolvidos no processo, e para isso precisamos garantir espaços para a tomada de decisões ... Precisamos, de certo modo, nos retirar de cena para propiciar o desenvolvimento de um espaço indígena de formulação de estratégias, essencial a qualquer projeto de autonomia.”¹

Na oficina de elaboração do livro dos mitos, estiveram presentes também dois professores Deni que confeccionaram um livro bilíngüe de matemática. Foi interessante e divertida a conversa deles sobre os primeiros contatos mais intensos há sete anos. Hoje eles estão rin-

1 Gilvan Müller de Oliveira, O que quer a Lingüística e o que se quer da Lingüística na Pedagogia da Diferença?: a delicada questão da assessoria ao movimento indígena. Mesa-Redonda: “Ação Pedagógica e Alteridade: Por uma Pedagogia da Diferença”, I Conferência Ameríndia, Cuiabá, 17 a 21 de novembro de 1997, p. 7, mimeografado.

do dos medos que havia entre esses dois povos de línguas bem diferentes. Na oficina, eles descobriram que alguns mitos são iguais ou parecidos nos dois povos, como, por exemplo, o mito da lontra, da origem do fogo e algumas histórias dos heróis culturais Tamah e Kirak.

O povo Deni, o povo Kulina e os Kanamari têm os mesmos irmãos criadores do mundo, Tamah e Kirak na língua Kanamari, Tamaku e Kira na língua Deni e Kulina. O mito dos cestos que andavam antigamente sozinhos eu já conhecia dos Kulina do rio Envira/Acre. O mito da lua no qual o jenipapo é uma marca do incesto no rosto do irmão apaixonado é disseminado na Amazônia. Ele existe, por exemplo, entre os Surui, Gavião, Arara, Macurap, Tupari e outros povos de Rondônia.² Isto mostra como os contatos interculturais eram intensos entre os povos indígenas, mesmo com línguas totalmente diferentes.

Quero destacar algo que talvez cause estranheza a um leitor não indígena. Há muitos mitos Kanamari e de outros povos indígenas que “têm enorme liberdade de expressão erótica, tomam caminhos sem nenhuma censura. Caracterizam-se por tratar freqüentemente da sexualidade, pelo clima e linguagem de malandragem e ima-

2 Mindlin, Betty, *Moqueca de Maridos, Mitos Eróticos*, Rio de Janeiro, Record, Rosa dos Tempos, 1997, p. 267.

ginação amorosa ... A sexualidade e o amor serão mais livres na sociedade indígena que a nossa? ... Esta é a imagem que se costuma ter da vida indígena, e há motivos para tal: na aldeia, a nudez e o corpo são aceitos e não reprimidos, os afetos, o parentesco, os laços comunitários são dominantes ... Os interesses individuais são temperados pela força do grupo, por uma teia social. O tempo, a arte, o olhar para o prazer e para o sentido de viver são muito diferentes do que existe na sociedade industrial ... (mas) a par do lado paradisíaco, também há na vida indígena violência, repressão, guerra, choques, proibições e regras rígidas de comportamento.”³ Os mitos Kanamari também mostram esse lado das proibições e regras rígidas de comportamento.

Os professores Kanamari me contaram que, no início, havia resistência, por parte de muitos contadores de histórias, de ver os mitos publicados. Eles têm razão. Muitos não indígenas se aproveitam do conhecimento indígena para beneficiar a si próprios. Mas, quando os contadores viram que esse livro é um livro *dos* Kanamari *para* os Kanamari, eles contaram as histórias e também concordaram com a publicação dessas histórias.

Os mitos estão vivos entre os Kanamari. Mas os professores perceberam que até eles mesmos não sabem mais

3 Ibidem, p. 245.

contar alguns mitos importantes, como, por exemplo, o mito da Wana e do Adsabah. Eles foram atrás desse mito e, no final da oficina, encontraram um Kanamari na aldeia Taquara que sabia contá-lo. Os professores tinham escrito alguns mitos já na aldeia do rio Xeruã, de modo bem resumido. A tradução de alguns desses mitos não tinha sentido dessa forma. Quando perguntei se não faltava algo numa determinada história, eles riram de mim e falaram: “Ah, você descobriu isto! Essa história é muito comprida. Nós tínhamos preguiça de escrever tudinho. Mas agora vamos mesmo escrever toda a história.”

Escrever muda o modo de pensar, aprender, conhecer e narrar. Mas as letras são hoje parte de nosso mundo, instrumento de domínio da sociedade. Os Kanamari têm o desejo de estudar nas escolas. Importante é, seja na escola ou em outras ocasiões, estimular sempre as narrativas orais, a transmissão do conhecimento pela fala e pela memória, uma arte tão preciosa dos povos indígenas.

Os mitos aqui contados são sagrados para o povo Kanamari. É por causa da repetição desses mitos nas festas, nas danças e ao redor do fogo que o povo Kanamari relembra o sentido de sua existência. Assim, o povo Kanamari bem como os outros povos indígenas permanecem atuando e lutando pelo direito de viver. Daniel Munduruku fala dos mitos do seu povo: “Essas histórias

são reais. Elas aconteceram de verdade e marcaram profundamente o modo de ser do meu povo ... por causa delas que o povo Munduruku mantém-se vivo. É assim que damos sentido e valor à nossa existência.”⁴ No mito da Warna e do Espírito Adsabah, os Kanamari falam assim: “A mulher Wana e o Espírito Adjaba são os espíritos da terra. Eles são os donos da terra em geral. Por causa disso, a Wana não deixa cortar as árvores. A árvore tem vida também e possui sangue. *Para nós Tâkuna, Kanamari, isto é pura verdade. Nós acreditamos nisso.* Tudo que existe no mundo é o sangue de Wana: a terra, a floresta, os rios, o ar que respiramos, os trovões e as nuvens. Quando as pessoas derrubam as árvores e ferem a terra, a Wana e o espírito Adjaba choram pelo sangue derramado da terra e das árvores.”

Quero parabenizar os professores Ton, da aldeia Curabi do rio Xerua/Itamarati-AM, Paranem, da aldeia Flechal do rio Xerua/Itamarati-AM, e Ahe Joabes, da aldeia Taquara/Carauari-AM pelo empenho e pela dedicação durante esses dois últimos anos e durante a oficina em Carauari. Não foi um trabalho fácil. O fruto disso é esse livro dos mitos Kanamari. O sonho dos professores Kanamari do rio Xerua se tornou realidade: ver as histó-

4 Daniel Munduruku, *As serpentes que roubaram a noite e outros mitos*, São Paulo, SP, Editora Fundação Peirópolis Ltda., 2001, p. 7-8.

rias antigas publicadas, numa linguagem adequada ao mundo das aldeias nas quais eles vivem.

Quero agradecer especialmente a Ahe Joabes, que traduziu com muita facilidade a maioria dos mitos. A SEMED de Carauari acertou em cheio ao contratar Ahe Joabes como professor indígena para a alfabetização na língua materna! Quero agradecer aos três professores da oficina pelos lindos desenhos e especialmente a Omam Warikom André Kanamari, do rio Xeruã, que é um artista, por seus belos desenhos. Quero agradecer também ao amigo France Jerffeson Américo Marques, de Carauari, que ficou todos os dias durante um mês na casa do COMIN ajudando na diagramação dos textos.

Espero que esse livro ajude ao povo Kanamari nos municípios de Carauari-AM e Itamarati-AM na sua luta por ser reconhecido como um povo indígena com uma rica cultura e ser respeitado nas suas diferenças culturais e religiosas. Espero também que esse livro ajude aos não indígenas a conhecer melhor o povo Kanamari. A sabedoria indígena pode nos ajudar a respeitar mais a vida e a natureza tão ameaçada. Afinal, todos nós estamos vivendo na mesma grande maloca que se chama o planeta terra⁵, que é parte do grande universo. Yaguarê Yamã, indígena de origem Maraguá e Sateré, coloca bem este

5 Boff, Leonardo, O casamento entre céu e a terra, Contos dos povos indígenas do Brasil, Rio de Janeiro, Salamandra, 2001, p. 9.

pensamento comentando o que é ser índio nos tempos atuais: “É possível, sim, conviver em paz com a natureza e ser percebido por olhares sem preconceito, por olhares sem vícios com o materialismo. Materialismo este que destrói e extermina. Materialismo dessa gente que pensa não ter vínculo com a terra, pensa não ser filho dela. Mas a verdade é que todos somos filhos da Mãe-Terra. E todos nós precisamos da terra, assim como ela precisa de nós. A verdade é que ninguém é realmente dono da terra. Ela é que é nossa dona. E a verdade está aí...”⁶

Walter Sass
Carauari-AM

6 Yamã, Yaguarê, Sehaypóri: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé, São Paulo, Peirópolis, 2007, p. 1

O povo Kanamari

Os Kanamari chamam a si mesmos Tukuna ou Tâkuna⁷, termo que significa “gente”. Os Kanamari originalmente moravam nos tributários do alto-médio rio Juruá⁸, no estado do Amazonas, onde a maioria deles ainda vive. Eles também se estabeleceram nas proximidades de afluentes desse rio, como no alto Itaquaí, afluente do Javari, e ainda em regiões mais distantes, como no médio Javari e no Japurá. Estão hoje situados em diferentes Terras Indígenas (TIs): na TI Vale do Javari, onde ocupam os rios Curuçá, Javari, Itaquaí e Jutaí; na TI Mawetek, contígua ao sul da TI Vale do Javari e que compreende os tributários da margem esquerda do médio Juruá; a TI Kanamari, situada nos tributários da margem direita do Juruá, rio abaixo da cidade de Eirunepé; e duas pe-

7 Os professores Kanamari do rio Xeruã preferem escrever o nome do seu povo assim, querendo destacar algumas diferenças na pronúncia e na ortografia em relação aos seus parentes do município de Eirunepé-AM.

8 Pe. Ricardo Cornwall cita uma notícia de Julian H. Steward no *Handbook of South American Indians*: “Os Tacanan são localizados na parte alta do rio Tahuamanu (cf. Orton), os rios Abuna e Acre (cf. Capechene), e os rios Madre de Dios e Beni (cf. Steward, 1948:3, 439)”. Cornwall, Ricardo, *Os Jumas: A continuação da violenta redução dos Tupi*, Madalena, CE, R. Cornwall, 2003, p. 163.

quenas áreas no Japurá, Maraã e Parana do Paricá. Existem duas comunidades Kanamari no município de Carauari-AM, Taquara⁹ e Boana¹⁰, com as quais o COMIN de Carauari tem freqüentemente contatos.

Os Kanamari que vivem nessas duas comunidades, Taquara e Boana, vieram do rio Xeruã, município de Itamarati-AM, onde existem duas aldeias Kanamari na TI Kanamari: Flechal¹¹ e Curabi¹², bem perto da TI Deni. Os professores Kanamari dessas aldeias participam dos cursos promovidos pelo COMIN. Alguns Kanamari, recentemente, começaram a morar com os Deni do rio Xeruã. Os Kanamari falam uma língua da família lingüística Katukina. O último censo dos Kanamari, feito pela Funasa em 2006, estimou uma população de 1.654 pessoas.

Os Kanamari se dividem em subgrupos que recebem o nome de um animal seguido pelo sufixo *dyapah*(*clã*). “Os Kanamari constituem uma população intensamente móvel, a qualquer momento suas aldeias podem se encher de visitantes, alguns que ficarão por mais tempo, outros que partirão em seguida... A mobilidade Kanamari serve assim a dois propósitos: ela acaba

9 Taquara, 76 pessoas; fonte: professores Kanamari, 2007.

10 Boana, 15 pessoas; fonte: professores Kanamari, 2007.

11 Flechal, 130 pessoas; fonte: professores Kanamari, 2007.

12 Curabi, 30 pessoas; fonte: professores Kanamari, 2007.

por aparentar pessoas que eles afirmam que antes não deveriam se aparentar, e também resiste a esse processo, levando pessoas que estão se aparentando para longe, na busca por recriar a integridade que eles imaginam que os subgrupos – *dyapah* mantinham.”¹³

O primeiro ciclo da borracha na Amazônia, a partir de meados do século XIX, causou a redução dos territórios, a diminuição das populações indígenas e a desorganização de suas instituições sociais. Os povos indígenas sofreram “correrias”, expedições punitivas que eram organizadas pelos patrões seringalistas, que, assim, pretendiam eliminar tais obstáculos ao avanço das atividades extrativistas. Já no final daquele século, a exploração da borracha se estendia por toda a bacia do Juruá. Não havia sequer um rio ou um igarapé fora do raio de ação dos seringueiros. Os povos indígenas da região do Juruá, Kanamari, Kulina e Deni, conseguiram sobreviver à forte dominação da empresa seringalista aliando resistência e adaptação. Em certa medida, integraram-se ao sistema extrativista e submeteram-se às relações de aviamento, um tipo de comércio no qual os patrões dos seringais e os marreteiros entregam mercadorias em troca da produção de borracha. Nesse tipo de comércio,

13 Luiz Costa, Organização Social do Povo Kanamari, Enciclopédia Povos Indígenas do Brasil, 2006, www.isa.com.br.

tanto os seringueiros quanto os indígenas nunca saldavam seus débitos com os patrões.

Muitas doenças e epidemias dizimaram os povos indígenas, resultado dos contatos com os seringueiros. O padre francês Constant Tastevin, da ordem dos Espiritanos, trabalhou de 1905 até 1937 em Tefé-AM e fazia muitas viagens, chamadas regionalmente “desobrigas”, no rio Juruá. Há muitos relatos dele sobre os povos indígenas do rio Juruá.

Nos arquivos da paróquia de Carauari-AM encontra-se, por exemplo, uma nota de Tastevin sobre os Kanamari do rio Juruá. Ele escreve que, no final do século XIX, os Kanamari habitavam o Juruá em grande escala. “Os canamaris saíram de Jainú entre 1886-1890, terra firme de Santa Luzia e Santa Ana. Eles moravam na caçoeira dos Caxinauas, nas cabeceiras do igarapé do Gavião. Tinham muita banana e roça, pimenta, um pouco de algodão, umas touceiras de cana, pupunhas ... Lúcio Bezerra tinha exterminado os Caxinauás ... Os canamaris formavam 4 grupos, o tuxaua era Henrique, tuxaua Manduca velho, tuxaua João, tuxaua Luiz. Viviam numa só casa redonda oitavada. O teto não chegava ao chão. Atingia-se o fachal com a mão, dançavam dentro e estavam nus. Trabalhavam com o Antônio Fiúza, o primeiro marido da viúva de Gualberto, cunhado de Cândido no caucho. Plantavam batata, jerimum e flecha. Pegaram a

bexiga no foz do Tarauacá, tomaram banho quando estavam com febre e todos morreram, queimaram o barracão em maio de 1902. Nunca mais foram para lá.”¹⁴

Apesar das adversidades que o século XX lhes trouxe, em particular a presença crescente e violenta de não-indígenas, na época da borracha, os Kanamari vêm conseguindo manter a riqueza e complexidade de sua língua, mitologia e rituais. Dois rituais, duas festas grandes, são muito importantes para o povo Kanamari: o *Pidah-páh*, Ritual da Onça, que se festeja quando “todo mundo se sente bem”, como explicou o professor Ahe Joabes Kanamari. Neste ritual imita-se a linguagem da onça, uma fera muito respeitada e que aparece em muitos mitos Kanamari. A festa do *Kohana-páh* é um ritual em que os Kanamari recebem a visita dos espíritos da mata. Celebra-se o espírito de colaboração mútua entre homens e mulheres na busca permanente de comida. Os homens, os caçadores, vestem-se de espíritos da mata que serão invocados e cantam dialogando com as mulheres, que representam o sustento, a produção e reprodução. Há, como entre muitos povos indígenas, uma divisão de trabalho entre homens e mulheres. O homem é responsável pela caça, pescaria e os trabalhos pesados na derrubada. A mulher é responsável pelo roçado e pela casa. No

14 Padre Tastevin, datilografado, sem data, Arquivo da Paróquia de Carauari-AM.

ritual Kohanan, as mulheres cantam a respeito da necessidade da carne, do peixe e pedem à floresta generosidade para com os Kanamari, a proteção dos caçadores e o respeito dos mesmos pelos bichos para que eles possam se reproduzir. Os mitos dos Kanamari contam que eles foram criados pelo herói cultural Tamah. Os outros povos foram criados pelo irmão de Tamah, Kirak, um irmão atrapalhado.

Os Kanamari vivem de caça, pesca e coleta de frutas para o próprio consumo. Eles estão comercializando farinha de mandioca, vassouras e artesanato, com destaque para cestos bem trabalhados.

Entre o povo Kanamari, a agricultura é uma das características que lhes garante fartura, especialmente para as festas, onde a caissuma, feita de macaxeira cozida, não pode faltar. Fartura e animação determinam o estado de ânimo das aldeias. Não pode faltar o rapé de tabaco, que é apreciado por homens e mulheres. O ahuasca, rami, faz parte da vida de muitos também. O pajé precisa tanto do rapé quanto do ahuasca para as suas curas.

O povo Kanamari conseguiu manter a riqueza e complexidade de sua língua, mitologia e rituais com adaptações. São mudanças que resultam da influência mútua de diferentes culturas. Afinal, as culturas são dinâmicas e nunca foram estáveis. As cosmologias indígenas não fazem distinção ontológica entre humanos e ani-

mais. Não se estabelecem as distinções marcadas por nossa sociedade entre natureza e cultura, sociedade e ambiente, natural e sobrenatural. Todas as espécies estão interligadas, “incluindo a humana, ligadas por um vasto continuum governado pelo princípio da sociabilidade, no qual a identidade dos humanos, vivos ou mortos, das plantas, dos animais e dos espíritos é completamente relacional e, portanto, sujeita a mutações. Contudo, embora mantendo esse tipo de ‘eixo’ cultural, as sociedades indígenas submetidas às pressões da expansão capitalista sofrem mudanças radicais, introduzidas por forças externas mas sempre orquestradas de modo nativo. As dinâmicas internas de produção e reprodução da vida social sofrem adequações gradativas, não planejadas mas sempre criativas, às imposições decorrentes dos laços com o mercado e à ininterrupta luta para preservação do território tribal, de seus recursos naturais e do padrão de suas relações sociais ... Assim como todas as sociedades, as indígenas são mutantes, e se sociologicamente suas dinâmicas sociais ‘internas’ só se reproduzem como parte de um campo social mais amplo, o contato, as diferenças se mantêm no terreno da história cultural, manifestadas politicamente como identidade étnica.”¹⁵

15 Arruda, Rinaldo, Territórios indígenas no Brasil: aspectos jurídicos e socio-culturais, em *Etnodesenvolvimento e Políticas Públicas, bases para uma nova política indigenista*, Lima, Antônio Carlos de Souza e Barroso-Hoffmann, Maria (org.), Rio de Janeiro, Contracapa, 2002, p. 148.

O desafio do povo Kanamari, como de outros povos da região, é conciliar o passado com o novo sem perder a sua vitalidade e sua diversidade no meio de um sistema político-econômico que leva à uniformidade e ao individualismo. Esse será o desafio do povo Kanamari em geral e especialmente dos e das indígenas que exercem novos papéis sociais nas aldeias como agentes de saúde, professores, agentes ambientais e lideranças indígenas nas associações e representantes em diversos conselhos, resultado de políticas públicas implementadas por estratégias diversas em educação e saúde.

Walter Sass
Carauari-AM

Professor Hinuk Nakone Baperah Bak Kanaroh Tom

Adeik professores Kanamari hinuk Flexal wará, Curabi wará, Irmãos Unidos wará, tatam ham Taquara wará hinuk, Itamarati tatam ham Carauari ubawá tsidadji anem. Tsobâ iteyam maperabá kanarú atsowa amkira kidak, tsanem hânham, anem wakanaru hotoh anemwá. Howe upatsem bú tsoruruhâ nemwá Kanamari hinuk. Adeik tsoh tekoh toh anem atsowá amkira kidak tsanem hânham, anem derem adeik professor hinuk tsowô nem tsokohtôh nhamah atsowa amkira.

Anem derem tsotekok anham Tâkuna kidak hinuk, hoki nhamah, atsowá audeiya nakiyam Tâkuna kidak hinuk. Watohokikih amkira tsowama anem, adeik tsoh koneh doh neh, tsoh kanaru buhô tsowô nem tsokotâ nhamah. Atsowá awanahinem, atsowa aluno namá, adeik Kanamari nem batéih anem tsowô nem tsokotô nhamah.

Atsowá awana hinem tsotôhokikihi nhamha. Tsohpiya namá, tsohpidá namá, bak atsowá amkira anem. Anem derem atsowá uhinem, estudah Tâkuna hinuk nawá. UhiK nem tom, am adeik panem, Comin nawá curso tom 2006 am adeik panem. Anem tsotekokok nhamah.

Tsanem nham tsotekoktâh. Tsanem ham tsotekôktâh.

Unem Deni hinuk anem uhiyaik unem. Adeik anem Deni hinuk nakatâ anem, ukatâh hokik nhamah adeik mauhiya kutâh, curso mam unem adeik tsoh anem 2000 Kanamari nawa audeiya naki, Eirunepé, nawá audeiya naki anem nhobú unem adeik utekukinem, baktéih. Comin nawa curso Tom kutâh mateh tso:

1. Panawô Edmilson Kanamari
2. Pimá Manoel Kanamari
3. Hona Ana Kanamari
4. Wateyanem Iracema Kanamari
5. Marawé Juracir Kanamari

Tsowô kutâh anham maperaba kanaru, kariwa nem tam watunuk Kutah. Tsotekok nem baktéih anhamah, atsowá hinuk Itamarati wará hinuk, Caruari wará hinuk tatam adeik túh tatam. Ikek ikutâh anem nhá, am anem nem uwô nem dakih nem.

Adeik nem baktéih am tsoh tekok nekanaham tsoh kuneh kanaru kutâh. Adeik nem baktéih, tsoh kanaru buhâh. Tsowô, tsodewakom naki atsowá professor Walter Sass Comin akatâh anham adeik wabaudjabâh maperaba kanaru tum. Tamah tatam ham Kirak maperaba kanaru tom.

Paranem Manoel Kanamari

Ton Kanamari

Ahe Joabes Kanamari

Mensagem dos professores Kanamari

Nós professores Kanamari das aldeias Flexal, Cura-bi, Irmãos Unidos e Taquara, dos municípios de Itamarati e Carauari-AM, elaboramos esse livro de mitos Kanamari, porque ainda não foram registrados. Existem muitos jovens Kanamari que não conhecem mais as nossas histórias antigas.

Nós professores não queremos que se percam os nossos mitos. Por isso, pesquisamos os nossos mitos com as pessoas mais idosas das nossas aldeias por dois anos. Nós gravamos e escrevemos essas histórias para que os nossos alunos e o povo Kanamari em geral não esqueçam o nosso passado e transmitam para os nossos filhos e netos essas histórias importantes para a nossa cultura. Estudamos as religiões de outros povos e as religiões indígenas num curso promovido pelo COMIN em 2006. Percebemos que todos os povos têm seus mitos sagrados. Não queremos perder a nossa religião, que tem seus fundamentos em nossos mitos, cantos, danças, rituais, festas, costumes, rezadores e pajés.

Nós respeitamos muito os nossos pajés, que se li-

gam ao mundo dos espíritos e dos mitos. Quando vimos que o povo Deni elaborou o seu livro de mitos Deni, perguntamos ao COMIN de Carauari se não podemos fazer o nosso livro de mitos Kanamari também. Walter Sass, do COMIN, se prontificou a ajudar na elaboração do nosso livro. Queremos agradecer, em primeiro lugar, aos contadores de histórias:

Panawô Edmilson Kanamari

Pimá Manoel Kanamari

Hona Ana Kanamari

Wateyanem Iracema Kanamari

Marawé Juracir Kanamari.

Escrevemos esse livro também porque não existe ainda um livro na nossa língua Kanamari, da maneira como nós Kanamari das aldeias Flexal, Curabi do rio Xeruã, da aldeia Irmãos Unidos, do rio Juruá-Itamarati e da aldeia Taquara no município de Carauari/AM falamos e escrevemos. Há diferenças lingüísticas em comparação com outras aldeias Kanamari.

Antigamente nós não conhecíamos muito bem o povo Deni, que é povo vizinho. Havia muito respeito e, ao mesmo tempo, medo um do outro no segundo curso de magistério indígena promovido pela SEDUC/AM, em 2000, realizado na aldeia Kanamari Mamori, município de Eirunepé/AM.

Nós tínhamos muito medo dos professores Deni, e

eles tinham muito medo de nós também. Depois nos conhecemos melhor. Agora estamos participando dos cursos de professores ministrados pelo COMIN. Nós Kanamari estamos cada vez mais visitando os Deni. Um Kanamari já se casou com uma mulher Deni.

Desejamos também que este livro ajude os não indígenas a conhecer melhor a nossa cultura, especialmente as pessoas nos municípios de Itamarati e Carauari, onde vivemos.

Foi um trabalho muito gratificante. Nós aprendemos muito da nossa língua discutindo entre nós a ortografia. Agradecemos de coração ao nosso professor Walter Sass, do COMIN e aos amigos do COMIN que ajudaram para que o livro pudesse ser editado.

Que Tamuh e Kirak estejam com todos os leitores desse livro!

Paranem Manoel Kanamari
Ton Kanamari
Ahe Joabes Kanamari
Carauari, setembro de 2007

Tamah Kirak Nawa Amkira

Buh amteh tanem Tamah teh, amkatunem hikiyam omam mih naki. Atsowa pamah Tamah, anham, itom nhamah Kirak abâ, awah akatâ, anham, nhamah bûh am teiyam mokawa, maripô anem bû amtehtanham tok kanaro bûh mau, dam houmam.

Tohtsem maitah, mahdeimam nhamah anem nhamah maripô tsariri amkatunem tsoh Kirak nhamah waununem tsoh, anem wahmam adoh kutuwá amam nhamah amkatunem nem audja tsoh.

Tamah anem padjanem dam bûhoh amkatunem nuktsch, bara uhik nhamah, pidah nhamah Kirak wahek amkatunem tsoh.

Kirak nhamah audjá Tamah wauhuhu anem nhamah Tamah nahidjih amkatunem tsoh Kirak. Ahokinem bôh nhamah Kirak, pidah adoh wahek idjá anhamah Tamah, anem nhamah amah, am pidah matehtam adeik mahik nem wâh tsoh amah, am nhamah pidah katunem tsoh. Amakom honem Kirak, anem Tamah, pidah mahûnah.

Padjaham nhamah audjáh Tamah, Kirak, namah hûnah kidjipâh pânem kohtô, ubawa anem Tamah

ahiyaniem bûnem kotôh, mawa baráh nuk kutôh tsoh. Tamah katunem baráh manem apuwa hinetom, katunem baráh mam Tamah manaru, kuwamah, djaweh, waikom, pehéh tom nhamah abuh nhodak howenem nhamah atupuhmam amkatunem tamah tsanem ham baráh mam mam hanem.

Anem, nem itsarohotôh katunem, Kirak, namahtsoh Tamah namateh amkatunem, itsaro wará. Padjaham nhamah Tamah natah baráh uheinanem nhamah Kirak, batsawaho anem nhamah Kirak, bahurom nem. Nhamah itsaroh natuhuh amkatunem Kirak, tsoh bahurom nemtom.

Hana tam katôh itsaroh huh nehâ, amkatunem Kirak, Tamah, nawa tenô am naki, katunem awaitsaroh, adah pakah.

Tenô, am nhamah Kirak na, udjâk udjâk nem dapokidji nhamah amkatunem ubawa itsaroh, hinuk tsoh, aupatsem hunemteh aupatsem hutânem nham, am itsaroh tsoh. Kirak, nhamah wahukinem búh, aupatsem hutunem yokdjateh mam, itsaroh aupatsem hutunem namam, katunem Kirak. Kirak nhamah wato aiham tôh, itsaroh upatsem hutunem. Anem nhamah a djoro itsaroh anem puwá nuk amkatunem Kirak tsoh.

Toteiyanateh nhamah Tamah, na heidji amkatunem nuk tsoh. Tamah, nhamah wahûmam Kirak puwá poki nhamah amkatunem Kirak. Itsaroh na naki tsoh. Tamah,

nhamah itsaroh wamemtah tsak, haitapoh katôh puwá kitok wará nhamah katunem Kirak, napuwá tsoh.

Anham nhamah dakpoh, nhamah panem amkatunem tsoh, anem nhamah Tamah nahukinem búh. Kirak itsaroh owôh, ki ideik kutôh idjah? Tamah, na mam nhamah amkatunem Kirak tsoh, tsomah itsaroh búk ideik tsoh, Tamah namam nhamah amkatunem Kirak tsoh.

Kirak, teiyaham tam nhamah Tamah, nanuh bú Kirak wanamam tâkânanem haunuparak, waudjih nhamah amkatunem wanamam tudjih Kirak tsoh. Tudá huwa teh wahinah idabo, Tamah, namam katunem Kirak, dá, toteiyanateh nhamah Tamah, nabúh amkatunem itsaroh tsoh Kirak namah.

Bapô nhamah amkatunem itsaroh tsoh tudá huwa nembak nhamah akipuwih nuk amkatunem itsaroh, dohak nhamah, amkatunem Kirak, tsoh.

Haihnuparak teh, amkatunem Kirak, nadjorah amem nhamah haihkom, nhánem, padjahak nhamah Tamah, natowek. Tamah nhamah wahokinem búh Kirak? Hanatam, nubatsawa numam kotôh idjah.

Tamah namam nhamah amkatunem Kirak. Itehmam anhamah amkatunem Kirak, tâmam itsoboh Tamah, namam anhamah amkatunem Kirak tsoh. Atawa djoro nem tsekik tsah idja! Am nhamah amkatunem Kirak tsoh.

Amkatunem, Tamah, Kirak, mamakoneh anem

Tâkuna hinuk, purôh katâh.

Anem, Tamah katunem hirih haih tâmam nhamah, Kirak nhamah watah poreh tsakana nhamah.

Amkatunem tsoh, anem nhamah, anem derem Tâkuna huwetâh tsoh. Anem nhamah Tamah wiyokam, Kirak haneiyamah tam nuhtâh poreh tsakana tsoh. Howetâh kih Tâkuna amsah idjâh amam katânem Kirak tsoh.

Anem nhamah temhidjih amkatunem Tamah tsoh. Tamah nawa ih konam teiyam anem. Anem nhamah Tamah nanuh bûh Kirak hirih nhamah. Amkatunem Tamah nhamah poreh baramahik nhamah amkatunem Tamah tsoh. Puroh ih nhamah tsikadjih nhamah, amkatunem tsoh.

Anham nhamah Tâkuna uweiyam hukatôh, huweh, nem amkatunem tsoh. Matoh ikotôh nhamah amkatunem tsoh, puroh kom, manyôk bapoh nem nhamah makom ohtêheh yodak, dam wanah makom tekoman yoh dak, katôh katunem, am Tâkuna mah, bûh.

Kimhinah nem nhamah mah tâkuhuki yoh dak djih nhamah, makoneh tekok, kok yoh dak djih katôh, katunem am tsoh. Bapoh amkira.

Yodji José Kanamari
Paranem Manoel Kanamari

Histórias de Tamah e Kirak



No início do mundo, não tinha ainda gente. O primeiro homem que surgiu foi Tamah. Ele saiu de uma grande árvore. Tamah sentiu falta de um companheiro. Aí ele criou Kirak, seu irmão.

Tamah e Kirak queriam uma arma, uma zarabatana para andar na mata e para a caça.

Tamah mandou Kirak limpar um caminho bem largo. Eles correram, e Tamah pisou em cima de um pé de pupunha. Então, caíram do pé de pupunha duas zarabatanas, uma grande e uma pequena. A grande era para Tamah e a pequena para Kirak. Ele não gostou da zarabatana pequena. Queria tirar uma zarabatana comprida para ele. Tamah falou para ele: – Não, Kirak, fique com a zarabatana pequena.

Mas Kirak foi em busca de uma zarabatana comprida, apesar das palavras do seu irmão. Kirak foi ao pé de pupunha e pisou em cima de espinhos do pupunheiro. Deu muito trabalho para Tamak tirar os espinhos do pé de Kirak.

A partir daquele dia, não caíram mais zarabatanas de um pé de pupunha. Os Tâkuna têm que fazer zarabatanas com suas próprias mãos.

Kirak foi caçar, mas não matou nada. Tamah foi e sentou-se em cima de um pé caído e tirou seu pênis, que não tinha lavado há dias, e criou-se um sebo. Vieram moscas, cabas, abelhas e mais outros insetos. Todos eles viraram animais de caça: mutum, jacamim, porco do mato, queixada, veado, anta e outros animais. Tamah voltou com muita carne para casa. Kirak se admirou vendo tanta carne de caça. Ele perguntou ao seu irmão: – Onde você matou tanta caça?

Tamah falou: – Eu matei a caça debaixo de um pé de frutas e em barreiros.

Quando a comida acabou, Kirak foi caçar e não matou nada. Tamah foi no outro dia e matou muita caça.

Kirak pensou como Tamah tinha conseguido pegar tanta caça. Kirak foi de novo, mas não matou nada.

Certo dia, Kirak resolveu ir atrás de Tamah para descobrir o segredo dele. Ele se escondeu e viu Tamah sentado em cima de um pau caído, tirando seu pênis para fora. Kirak viu que Tamah furou insetos e os colocou em cima das pontas de flechas, fazendo o veneno para a caça. Quando ele terminou o trabalho das flechas, Tamah soprou os outros insetos para cima, e esses viraram animais de caça. De cada inseto saiu um animal. Kirak voltou para casa e ficou animado. Ele queria fazer tudo do mesmo jeito como o seu irmão para também ter muita caça.

Quando a comida terminou, Kirak foi caçar. Ele foi lá onde Tamah tinha estado e fez tudo do mesmo jeito como o seu irmão. Então surgiram muitos animais, e Tamah não precisava fazer mais animais.

Tamah guardou numa flauta pendurada em cima da casa duas mulheres em segredo. Certo dia, Tamah foi caçar e deixou Kirak fazer comida. Kirak fez beijos e queimou sua mão. Kirak gritou: – Ai, ai, minha mão!

As mulheres dentro da flauta mangaram dele. Kirak não viu as mulheres, mas percebeu que o barulho que ele tinha ouvido vinha de gente. Ele achou isto engraçado. Para descobrir quem era essa gente, Kirak queimou-se de propósito e gritou outra vez. Neste momento, ele descobriu que a fala de gente vinha de

uma flauta. Ele tirou a flauta que estava pendurada e a sacudiu. Da flauta caíram duas mulheres e uma criança, as mulheres e o filho de Tamah.



Kirak perguntou se podia fazer amor com elas. A mulher com um filho queria. Mas Kirak queria ficar com a mulher sem filho. Aí ele fez amor com essa mulher.

Mas, quando terminou, Kirak não conseguiu tirar seu pênis. Kirak lutou e lutou, mas não conseguiu. Tamah chegou à tarde em casa e viu Kirak junto com sua mulher. Tamah ficou com raiva do seu irmão e o puxou pela cintura. Por causa disso, quebrou o pênis dele. Um pedaço do pênis ficou dentro da vagina. Tamah pisou em cima da barriga da mulher. Finalmente o pedaço saiu. O pedaço do pênis saiu andando e pulando até um lago. Esse pedaço virou peixe jeju, que nós Tâkuna chamamos, na nossa língua, “Kirak napuwa-Pênis de Kirak”. Por isso, o peixe jeju pula no seco e não morre.

Kirak estava com muita dor por causa daquilo que tinha acontecido com ele, fazendo amor com a mulher do irmão. Tamah foi buscar um outro pênis numa casa onde tinha muitos pênis de todo tamanho. Ele foi lá e trouxe para Kirak um pênis de um cachorro. Mas o dono do pênis foi atrás de Tamah e disse a ele: – Não pegue este não, este é de um cachorro. Tamah soprou nele, e ele sumiu. Chegando em casa, ele colocou o pênis em Kirak. O cachorro foi atrás do seu pênis e quase mordeu Kirak. Tamah devolveu o pênis e pegou um menor. Esse deu certo em Kirak. Por causa disso, temos hoje um pênis não tão grande.

Depois disso, Tamah perguntou a Kirak se ele não queria uma mulher também. Kirak respondeu: – Sim, eu quero! No outro dia pela manhã, Tamak mandou Kirak buscar uma forquilha da árvore de imbaúba, que se parece com uma vagina. Tamah mandou Kirak buscar também pêlo de patauá, que se parece com os pêlos de

homens e de mulheres. Tamah soprou e surgiu uma mulher para Kirak. Ele não sabia como fazer amor. Colocava o seu pênis entre os dedos do pé da mulher. Um dedo engravidou e ficou grande. Por isso, temos agora um dedo grande nos pés. Tamah foi visitar Kirak e perguntou: – Meu irmão, como você fez amor com sua mulher?

Kirak respondeu: – Nós pés dela. Um dedo já ficou grande, é a gravidez. Tamah disse: – Não, Kirak, não é assim. Venha cá, vou lhe ensinar como fazer direitinho. Tamah pegou a mulher e começou a fazer amor com ela. Kirak viu isto e falou: – Não, Tamah, assim ela vai lascar. Tamah disse a ele: – Não, Kirak, é assim mesmo. Kirak experimentou e gostou.

Certo dia, Kirak foi caçar para sua família. No meio do caminho, viu um macaco barrigudo e quis flechá-lo. Ele escutou um barulho atrás de si e viu uma onça. Kirak gritou: – É você, Tamah? Não, é uma onça!

A onça só o arranhou. Ela saiu para beber água. Kirak foi para casa, e a onça já estava na frente dele, mas Tamah já tinha virado gente de novo. Tamah perguntou a Kirak: – O que foi que aconteceu? Kirak respondeu: – A onça quase me pegou. Tamah disse a ele: – Vamos para lá para ver a onça. Chegando lá, Tamah gritou: – Onça, você pode vir, vamos enfrentar você! Mas eles viram só rastos da onça. Voltaram para casa. No outro dia, Tamah foi caçar e topou com o mesmo macaco barrigudo. Então apareceram duas onças vermelhas para pegar Tamah. Ele disse: – É você, Kirak, estou conhe-



cendo você! As onças pularam em cima de Tamah, mas só o arranharam. As duas onças foram embora para beber água. Tamah voltou para casa e encontrou Kirak no meio do caminho. Kirak perguntou: – O que aconteceu? Tamah falou: – Encontrei duas onças, era você, Kirak! Ele respondeu: – Não, não fui eu! Vamos lá para ver.

Eles foram até lá e Kirak gritou: – Onças, podem vir! Vamos enfrentar vocês! Mas eles viram só rastos de onças. Voltaram para casa.

Assim surgiram as onças há muito tempo.

Tamah e Kirak tinham poderes especiais. Eles eram e são até hoje os mais sábios do mundo. Um dia, eles tiveram uma boa idéia. Fizeram os seres humanos com os cachos do coco aricuri pequeno, do grande também e de outras frutas.

Foi assim que eles fizeram os seres humanos.

Tamah, o mais sábio, subiu primeiro em cima de dois pés de aricuri para derrubar o cacho. Kirak se apro-

Tamah, Kirak nawa Amkita



ximou dos pés e ficou ajoelhado debaixo dele para que o cacho de aricuri caísse em cima das suas costas. Mas Kirak ficou com medo, saiu do seu lugar, e o cacho de aricuri não caiu nele direito. Poucos caroços de coco aricuri se espalharam.

Tamah disse: – Kirak, por que você saiu do seu lugar? Agora essas pessoas vão ser poucas, essas pessoas são os Kanamari, os Tâkuna.

Depois, Tamah desceu do pé de aricuri e disse, olhando para os caroços que tinham caído: – Esses são os meus, eles estão ao meu lado.

Depois disso, Tamah mandou Kirak subir num dos pés de coco para derrubar um cacho. Tamah ficou no chão, de costas para cima. Os cachos caíram em cima dele, e todos os caroços se espalharam pelo chão. Desse caroços surgiram os outros povos indígenas, e surgiram muitas famílias. Tamah e Kirak começaram a trabalhar, descascando todos os caroços. Eles colocaram todos os caroços em ordem, colocando-os em filas. Isso demorou muito tempo. Tamah e Kirak fizeram isto com cada caroço. Cada caroço transformou-se em um ser humano. Eles não terminaram seus trabalhos até que foram feitos todos os povos, cada um com uma língua diferente, com costumes diferentes. Cada povo tinha seu costume de viver e seu modo de ser. Quando Tamah e Kirak voltaram pelo caminho para casa, todos os caroços tinham se transformado em seres humanos, cada um com uma língua diferente, pessoas boas e pessoas ruins que se espalharam pelo mundo.

Ihtanoh Nawa Amkira

HÔ DJAH NAWA AMKIRA



Bowantehtanem itsonem bowanteyam Tâkuna, ihtanoh wara tâh, katunem nuk. Barah uneh katunem. Tâ am nem, barah mimiyok tânem téh. Amkatunem anem nem mahpâh anem, boh amtéh nem, ohpararah katunem am, barah. Ohinah inoh katunem am.

Tatam Tâkuna nahek tâh tatamkatunem am ahek katunem hôdjah, huhki katunem anem Tâkuna kutâh

tûam. Anem anham itsonem kidak tûh katunem am, anham téh katunem am, anham hinuk teh am, katunem ihtanoh waráh anham hinuk natuwok tâh, katunem itanoh.

Nuhuhki nhamah anem nuk natoktekih ihtanoh poh morokom nakikiheh huwih katunem ihtanoh. Oh morokom anem máh dok dok kam. Hak, kipimam tom, hak nhanem kodoh nem kipimam tom, katunem maumorokom dok dok, kam.

Tâkuna hinuk naubarem hoyohimtâh nhamah, ihtanoh poh. Ikek Tâkuna baráh mam nham, katunem wahek, uh barah potsam honem kawam, waroh, hôdja na tetehinem mawá tsawamineh. Watei nho dak tenem waunah, amkatunem. Tatam núk toúh tatam mabuh nham, mawá, djaneh uhak nhanem tûh.

Barah uwahakinham ihtanoh nakiyam, anem nhamah barah ohik nham nahi nem hôdjah nawa tsawamineh. Barah maham natekok nhamah baknem kanaham mamah. Matekok banem, mamah kimhinah nhamah. Audeiya pahtâdji amkatunem Tâkuna tsoh. Kimhinah nham Tâkuna, amah, adjih nhamah ukinuk ihtanóh hinah nhamah.

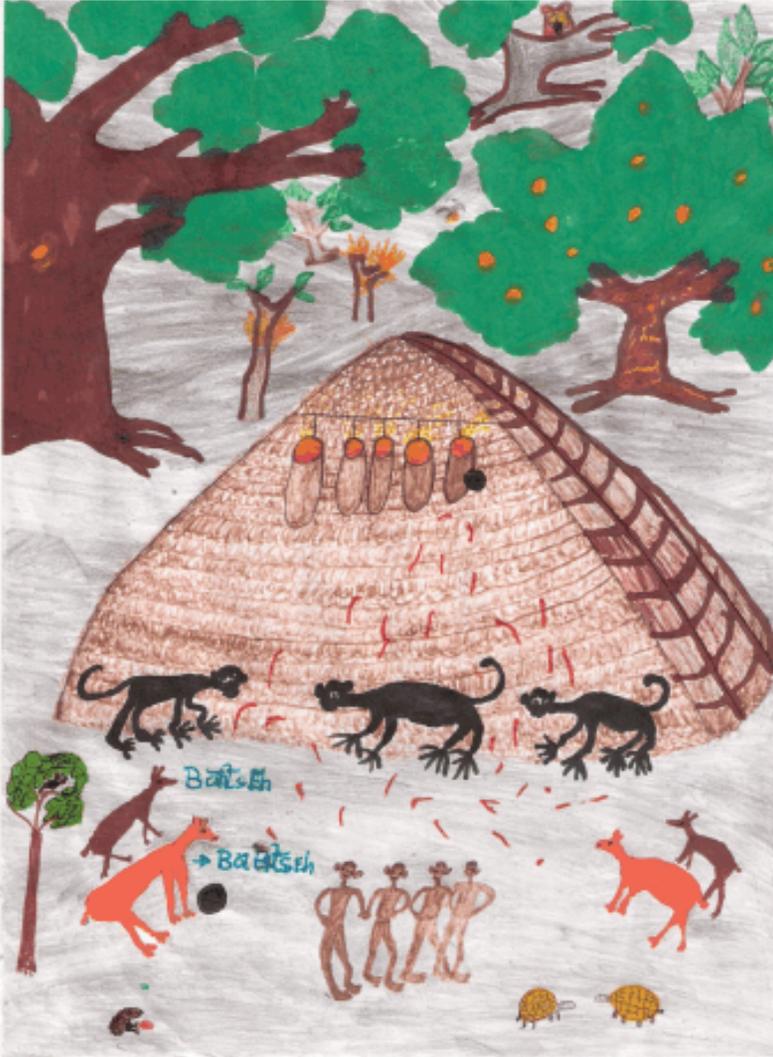
Waunah nhamah Tâkuna hinuk mahpokne nhohektâh nhamah ihtanohpoh, hôdja hinuk natuwoktâh, katunem Tâkuna hinuk, nama ihtanohpoh. Madâhtomtam nhamah kawô bûh, nhamah hokinem adohtêh ipokneh buwá a nhamah kawô bûh ihtanoh poh umorokom Djoratokatâh kawô bûh napok ne nhohemtâh nhamah amkatunem.

Batsêh tekнем nhamah wadahak kutâh dâh amam nhoheм, tâh kutâdah. Batsêh ponem, nhamah mauhohonem kutâh dâh anham nhamah wapikik anem nhamah huh nanopoh okuneyuk. Ha ihtsehbiktêhkih nhamah am, katunem ihtanohpoh. Uh nopoh nhamah. Napok, nenem kutâh dâh kadjoh, natah, nhamah wanopoh manem bak.

Tâkuna hinuk namah, anem nhamah. Huh nau kuneyuk kutâh dâh, kadjoh natah am. Anuhoktâh nhamah amkatunem tsoh. Omam tsâkûnem. Baktéih katunem madohdok nem tsoh, bakatânah, anem nhamah hôdjah panem, bak amkatunem tsoh. Bapoh amkira.

Ahe Joabes Kanamari
Ton Kanamari
Paranem Manoel Kanamari

História do Fogo



Antigamente, muitos séculos atrás, os Tâkuna não tinham fogo. Eles se alimentavam com comida crua, com carne de nambu e outros animais que não tinham muito sangue.

Certo dia, os Tâkuna foram caçar num lugar distante, onde ninguém tinha andado ainda. Lá eles encontraram um macaco preto que falava a língua do ser humano. Na época, só os macacos pretos tinham fogo. E eles não queriam dar o fogo para ninguém. Por isso, colocavam a brasa dentro de vários potes de barro e penduravam o pote numa casa enorme bem alta, para que ninguém roubasse a brasa.

Um caçador Tâkuna viu os macacos pretos matando muitas aves: arara, papagaio e outras para seu alimento. Eles continuaram matando até chegar ao lugar onde moravam, dentro de seu casarão. Fizeram a sua comida preferida, usando o fogo. O caçador viu isso de longe e também sentiu o cheiro da comida do macaco preto. O caçador percebeu que aquilo era muito importante para seu povo e serviria muito também para o futuro. De repente, ele voltou à aldeia com vontade de contar o que tinha visto lá na sua caçada na selva. Quando chegou à aldeia, foi exatamente isso que fez. Ele contou tudo o que tinha visto lá. Ao mesmo tempo, avisou aos outros Tâkuna para buscar o fogo.

Eles foram para lá e viram o fogo. Mas não conseguiam tirar a brasa. Os macacos não os deixavam levar o fogo. O jabuti falou que ia pegar o pote de brasa. Ele atirou uma bola de sanabi, de látex, para quebrar o pote de brasa pendurado numa corda. Mas não conseguiu. O veado roxo também tentou, mas não conseguiu. Ele chamou o veado capoeira. Este atirou no pote de barro, o pote quebrou, e as brasas caíram para todos os lados. A

coruja aproveitou a oportunidade, pegou a brasa e a levou para cima de um pau seco. Lá a coruja ficou aguardando os Tâkuna chegar.



O sapo pediu à coruja um pedaço de brasa. A coruja pensou, cedeu ao pedido e deu ao sapo um pedaço de brasa, pois pensava que o sapo iria assoprar o fogo. Mas ele o apagou. A coruja deu um outro pedaço de brasa ao sapo, mas esse pedaço também se apagou.

O terceiro pedaço de brasa não se apagou. Deu certo, exatamente como a coruja tinha pensado, e o fogo se acendeu. A coruja continuou a fazer seu trabalho levando o fogo para todos os lugares, acendendo o fogo nos paus secos, colocando fogo em todo canto. É por isso que temos o fogo hoje em dia.

Portanto, a coruja conseguiu o fogo para todos nós. Depois ela chamou os Tâkuna e os ensinou a fazer o fogo com os pauzinhos. E os macacos pretos perderam o fogo. Por isso, ficaram com raiva e continuaram sendo os mesmos macacos pretos até hoje. O fogo foi descoberto à noite.

Adjabah Nawa Amkira



Amkatunem Adjabah hinuk na uhpôh uwa nhamah tsoh, uparaha katunem hinuk uparadjih nhamah, Adjabah huwa katôh abuwa, huwa hinuk wapôh uwa nuk tsoh.

Awa baráh natom katunem anûk nhodak tureh nhanem naki katunem autak nhodak huwa naupôhinuk, uparah nhamah amkatunem huwa hinuk tsoh. Huwa hinuk nawa nimah hinuk nhamah mahâhkinem bûh nhoak dak katunem mawah nimah hinuk tsoh uparanem padjanem tsoh.

Ikayok nhamah amkatunem upatsêm hinuk nawa nimah hinuk tsoh. Atsahinem têh amkatunem upatsêm Adjabah natekokom mapâh nhamah.

Upatsêm tsorunem nukteh mapâh nem wôtôh amkatunem tsoh. Mateih katunem Adjabah aubatsawa nakatôh tsoh da´adjih nhamah audeiya patâdji amkatunem upatsêm hinuk tsoh.

Bapoh amkira.

Ton Kanamari

O Espírito Adjaba

Há muito tempo, o Espírito Adjaba roubava muitas crianças dos Tâkuna quando eles faziam festas e dançavam. Os Tâkuna gostavam de fazer muitas festas de rituais. Adsabah descobriu isso. Enquanto os Tâkuna dançavam, Adsabah roubava as crianças e as carregava dentro de um paneiro grande para a sua oca, onde ele morava com sua esposa.

Certo dia, os Tâkuna fizeram uma bela festa durante a noite. Quando o dia amanheceu, as mães das crianças

sentiram falta dos seus filhos. As mães foram atrás das avós das crianças. Elas perguntaram às avós, uma atrás da outra: – Onde está meu filho?

As avós responderam que não sabiam de nada. Cada mãe que tinha sentido falta do seu filho fez a mesma pergunta.

A partir desses dias, os Tâkuna passaram um bom tempo sem fazer o ritual na aldeia. As famílias das crianças desaparecidas choravam muito, mas não sabiam onde as crianças estavam. Adjabah matou muitas crianças. Apenas dois meninos ficaram vivos. Adjabah escolheu primeiramente as crianças gordas para matar, mas os mais magros ele deixava para outro dia.

Os meninos cresceram. Certo dia, os meninos conseguiram matar Adjabah e ficaram satisfeitos com a vingança pela morte de tantas crianças. Depois voltaram para a aldeia.

Quando os dois meninos voltaram para onde suas famílias estavam, as mães dos meninos quase não reconheceram seus próprios filhos.

Wana Adjaba Nawa Amkira

WANA ADJABA ITSONEM NAWA
AMKIRA



Hom nawarah katunem Wana adjaba anem, anem derem nhamah tsoh, tsorônem, katunem amah konenhok omam tâkahek tamtâh nhamah omam. Am itsonem nawara Wana adjaba, anem teh manateh, tsokunem aimam, am atsowa paiko. Am atsowa paiko nakoneh anem wáh.

Wana nameh meh nem baktêh hom, itsonem, auhonem nhanem, anem derem manateh tsoh, kodokiryanem, há, úmih. Bapoh amkira.

Yodji José Kanamari

Wana e o Espírito Adjaba

A mulher Wana e o Espírito Adjaba são os espíritos da terra. Eles são os donos da terra em geral. Por causa disso, Wana não deixa cortar as árvores. A árvore tem vida também e possui sangue. Para nós Tâkuna, Kanamari, isto é pura verdade. Nós acreditamos nisso. Tudo que existe no mundo é o sangue de Wana: a terra, a floresta, os rios, o ar que respiramos, os trovões e as nuvens.

Quando as pessoas derrubam as árvores e ferem a terra, Wana e o espírito Adjaba choram pelo sangue derramado da terra e das árvores.

Portanto, Wana e Adjaba sofrem muito quando a terra e as árvores estão destruídas.

Wadjah Nawa Amkira



Itsaro padjah katunem anem, o paradjih katunem
piyah nahekna naheknam, anem nhamah hanem piyah
tam adoh wahekdjih, hekdjiyam nehôh am nhamah
amkatunem, awa miyoh tsoh. Awa iyah nem bak

katunem wa uwamompah. Anem nhamah ukih huruh manem bak, tsawokom naki. Awa homo upatudjih nhamah adâhpakah.

Uparadjih nhamah awa iyah naheknah kutâhdâh. Anem nhamah ukih huruh katâh nhamah atok dôhkâmam amkatunem awa iyah tsoh.

Uparah nhamah anem tam itsih amkatunem awa iyah tsoh. Uparah nhamah anem tam itsih amkatunem awa iyah tsoh. Awa iyah teh, wadjah pah awa miyoh tsam pah, awa miyoh tetam tsam pah kutâh anem de-rem wadjah uhekitâh tsam nakatâh bûh.

Bapoh amkira.

Paranem Manoel Kanamari

O Menino Lua e a Menina Sol

Muito tempo atrás, nasceram numa aldeia duas crianças, um menino e uma menina. Elas se criaram juntas. Quando as crianças cresceram, o irmão foi numa noite à rede da sua irmã e fez amor com ela. Ele não falava nada; assim, a irmã não sabia que era o irmão dela que vinha cada noite para fazer amor. O rapaz visitava a irmã só à noite. A moça queria descobrir quem era o rapaz. Ela teve uma boa idéia. Colocou jenipapo numa jarra e deixou a jarra debaixo da sua rede de dormir, esperando o rapaz à meia-noite. Depois de eles te-

rem feito amor, ela marcou o rosto do rapaz com jenipapo. Ao amanhecer, ela viu o rapaz com o rosto marcado com jenipapo. Por isso, descobriu que era o seu próprio irmão que vinha cada noite. Os dois ficaram com muita vergonha e se separaram. A partir daquele dia, o menino virou lua e a menina, sol, e nunca mais se encontraram. Essa história de duas crianças nos trouxe uma coisa muito importante. Elas se transformaram em luz para sempre iluminar todos nós; a menina ilumina o dia, e o menino ilumina a noite.

Ruyai Nawa Amkira

RUYAI NAWA AMKIRA



Amkatunem Ruyai na manem paiko hinuk tsanem ham, Ruyai na hudjih nhamah amkatunem paiko hinuk tsoh. Oparaha nhamah awa itsonem tatam. Ruyai nhamah, am ideikih nadahoh nem wôtâh itsaro nhahonem, anem buh. Aihamtâh nhamah amkatunem

itsaro tsoh, odjakinah nhamah amkatunem itsaro tsoh. Ruyai nawa itsonem tatam, anem nhamah Ruyai napâh amkatunem Tâkuna tsoh. Bapoh amkira.

Paranem Manoel Kanamari

A Onça Ruyai

Antigamente Ruyai era onça, mas tinha a característica do homem e ninguém percebia que ele era onça. Ele falava a língua do ser humano e tinha boas idéias. Sabia se comunicar com os Tâkuna. Ele foi se desenvolvendo no meio deles e aprendendo ainda mais com os Tâkuna. Os Tâkuna faziam festas de rituais quase todos os dias. Ruyai gostava das festas dos rituais Tâkuna. Um dia, Ruyai convidou todos os Tâkuna da aldeia para irem até a aldeia dele para realizar a festa do ritual em alguns dias.

Os Tâkuna aceitaram o convite. Eles gostaram muito do convite. Foram seguindo Ruyai pensando na festa que aconteceria na aldeia dele. Ruyai tinha falado a eles antes de irem para a festa: – Não levem uma menina na qual faltam poucos dias para os seios grandes se formarem.

Na aldeia tinha uma menina que já estava nesta fase, quase com seios grandes. Por isso, os Tâkuna não queriam levá-la. Mas ela não queria ficar, não obedeceu

a ninguém e foi junto com os outros. Todos fizeram a viagem preocupados com a menina. De repente, saiu sangue da menina; ela estava se tornando moça antes de chegar à aldeia de Ruyai.

Quando Ruyai percebeu a menina, ele ficou com muita raiva e se transformou numa grande fera, numa onça. Ele matou todos os convidados. Os mesmos serviram como alimento da onça chamada Ruyai.

Wapaka Nawa Amkira



Amkatunem Wapaka panhamah tsoh, tsanem ham atsamwam nakatâ tawa hina nem, baunem odam tom katunem Wapaka mok imih, odamkatunem. Wapaka mok na dahomam tsoh, awa iyahinuk nhamah wauwara hak.

Amkatunem Wapaka tsoh, mok nhamah tsokonem apurak nhamah aukoneunem awa iyahinuk natah. Há iraraha nhamah amkatunem Wapaka tsoh.

Anem padjanem nhamah atsamwam nadaho, baunem nah, amkatunem Wapaka anem nhamah adahmah, am nhamah awa nima. Nima nuh motsah

hawaneh nemwô adoh tsah nima, amamkatunem awa nima, awa nima nhamah wamotsah hawaneh amkatunem Wapaka tsoh. Awanima natupimam nhamah mok powa, nhamah tsôkûnem haitom nhamah pah, amkatunem Wapaka tsoh. Bapoh amkira.

Ton Kanamari

O Gaviãozinho Wapaka

Há muito tempo, o gaviãozinho era uma mulher e se chamava Wapaka. Certo dia, a cunhada dela levou Wapaka para o roçado para buscar macaxeira. Indo para o roçado, elas viram um caminho de antas. Quando Wapaka passou no caminho das antas, a anta carregou Wapaka e passou muitos dias com ela na mata. Aí a cunhada dela voltou para a aldeia e contou tudo para os Tâkuna. O irmão dela queria matar a anta. No outro dia, ele foi atrás da sua irmã e da anta. Encontrou as duas. Wapaka pediu ao irmão dela para não matar a anta. Mas o irmão dela disse: – Se você não me deixar matar a anta, eu vou matar você também. Então ele matou a anta. O irmão levou Wapaka para casa. Antes disso, Wapaka pediu para levar o pênis da anta para a aldeia. Então levou o pênis para usá-lo em casa.

Depois de um tempo, a cunhada levou Wapaka de novo para o roçado. Wapaka falou para sua mãe: – Mãe, você não pode entrar dentro da minha casa antes de eu

chegar. A mãe dela era teimosa e entrou na casa da filha. Ela começou a arrumar a casa. Então achou o pênis da anta ainda vivo, colocou água na panela de barro e esquentou a água. Depois disso, ela jogou a água bem quente em cima do pênis da anta. O pênis morreu.

Quando Wapaka chegou em casa, ela não gostou nada daquilo que a sua mãe tinha feito. Ela chorou muito e não dormia à noite. Ficava acordada todas as noites. Depois de um tempo, Wapaka resolveu pintar o corpo e o rosto com urucum e jenipapo. Ela virou um pássaro que chamamos hoje gaviãozinho, na nossa língua: Wapaka.

Kutah Nawa Amkira



Tsanem hanham nam hotâh, katunem anem, padjanem nhamah upatsem panham namem nakih katunem nam am anem padjanem nhamah audjah katunem tsoh, wapâm nhamah ikaú amkatunem abuwa Kutah aburu nhanho dak, kotâh audjah naubatsawa nhamah wadahâh itsonem, nah akatâ wará pikom binah

nhamah abuwa Kutah, dawabutôh abuwa hai katôh.

Anem Kutah, tatam itsonem nah naki nhamah tsorôh amkatunem anem hah oh tâkukûh nhamah wará pikom abeh nem bakteih wawôham nhamah, Kutah, kutudah ikau, nhamah kutudâh. Anham hom nhamah audjah, naboru tsâk haikatôh amkatunem Kutah tsoh. Mem, horok baki nhamah Kutah, anem, nem nhamah nam, hekih yam amkatunem tsoh. Bapoh amkira.

A História do Kutah

Antigamente não tinha carapanã. Eles surgiram quando uma mulher teve um filho chamado Kutah. Ele não crescia muito. Só a barriga dele crescia, enorme.

O irmão mais velho do Kutah tinha uma mulher. Ela cuidava dele. Esse irmão levava sua mulher e Kutah sempre junto para caçar e tirar frutas na mata. Lá, Kutah se transformou em um homem grande e fazia amor com a mulher do irmão. Certo dia, o irmão viu Kutah fazendo amor com sua mulher. O irmão ficou com raiva, mas não apareceu. Depois, eles retornaram para casa. O irmão de Kutah chegou atrás. Quando Kutah viu o irmão, começou a chorar. Ele já estava pequeno de novo. Mas o irmão de Kutah já sabia que ele estava se fazendo igual a uma criança. Ele não se conteve e pisou na barriga de Kutah. Da barriga dele saíram aos poucos os carapanãs. Dentro da barriga de Kutah havia só carapanãs. Por isso existem hoje os carapanãs.

Yakowari Nawa Amkira



Amkatunem Yakowari pah nhamah tsoh, hukikihi nem wôh ideik tsah amam katunem apom hanha. Yakowari wai tekok kutûh amkatunem, abuh nhamah wahuh teki ubah, katûh amkatunem Yakowari tsoh, tsûkûh nem padjanem nhamah uparadjih katunem.

Apomhanha amah adjih tsoh, anem padjanem nhamah ahom pâh amkatunem Tâkuna hinuk tsoh. Tawa mem utom nhamah papahanem wuh, Tâkuna hinuk tetam mapikarâ hinuk, amkatunem nuk tsoh, papa hanemtsoh. Bapoh amkira.

Paranem Manoel Kanamari

A Mãe D'Água

Antigamente, a mãe d'água era um menino muito inteligente, que gostava de pescaria; só pescava junto com sua irmãzinha. Ele falou para a irmãzinha: – Não conte nada sobre mim para as outras pessoas, porque, se elas souberem, vão querer ser meus amigos para aprender comigo, mas eu não quero isso.

A irmãzinha prometeu que não iria falar nada para ninguém. Ele conhecia varias músicas de ritual e gostava de cantar bastante, e era um menino muito obediente.

Disse ele: Eu não posso usar rapé de tabaco, porque não sou deste mundo.

Os amigos dele o pegaram, deram-lhe o rapé e assopraram no nariz dele, e de repente ele morreu. Isto aconteceu às oito horas da noite.

Passaram-se quatro horas, quando ele retornou. Respirou fundo e foi embora para a casa onde morava com sua irmãzinha. Quando chegou em casa, a irmãzi-

nha perguntou a ele o que tinha acontecido. Ele respondeu: – Deram-me o rapé que eu não podia usar. Ele falou ainda para sua irmãzinha: – Vá rapidamente embora desse lugar para um lugar mais distante, procure um morro bem alto, onde você possa ficar. Esse lugar aqui vai ser destruído pelas águas. As pessoas vão se transformar em botos. Os cestos com a massa de macaxeira vão se transformar em peixes pirarucus, e o terreiro onde eles fazem o ritual vai se transformar em um remanso muito grande.

Wakuro Nawa Amkira

WAKURO NAWA AMKIRA



Professor Manoel Kanamari

Barâh mam nhamkatunem Wakuro abuwá anem tsanem ham, bakatunah katunem barah, ubawá katunem ahak nem barah. Bu amtêh nem ahak nham barah hûh, tsom, kiwa, Batsêh, kadjoh, mok ubarà hinuk.

Anem derem manateh Wakuro, doneh itsaro

batsawahonem nhamah wapam dukmam am Tâkuna, manateh anem tsoh, anem itsaro batsawahonem teh, am Tâkuna wapam duk mam anem tsoh. Bouwamtehanham piya barah mam nham, katunem anem Wakuro, anem derem nhamah duk mam hek am Tâkuna manateh anem tsoh. Bapoh amkira.

Paranem Manoel Kanamari

O Sapo Wakuro

Antigamente, o sapo Wakuro, conhecido como kampu, era gente. Ele era um bom caçador. Matava todo tipo de bichos da mata, machos e fêmeas. Ele caçava com arco e flecha. Naquela época, não tinha armas de fogo. Ele matava todo tipo de bichos: cutia, paca, veado, jacaré e outros.

Os Tâkuna viram que Wakuro era um bom caçador mesmo. Então o pegaram e tiraram o leite dele. Depois, queimaram o braço com uma ponta de um cipó e colocaram o leite no lugar da queimadura. Nós Tâkuna fazemos isto até hoje para escolher uma mulher trabalhadeira, tirar panema nas caçadas, ser um bom caçador e tirar o cansaço.

Tem que se queimar o braço da mulher também para que ela seja trabalhadeira mesmo. Se ela não for, o marido não será um bom caçador, mesmo tendo colocado o leite de Wakuro.

Ampi Nawa Amkira

AMPI NAWA AMKIRA



Boh, amtetam nham Tâkuna amkatunem Ampi anem, panhamah abuwa tsoh. Bôrúh katunem anem, Tâkuna hinuk na tuhonem panem katûh.

Abuwa amah bôrúh nem derem Ampí homoh teh. Amkatunem awôh anem, itsaro bôrúh nem nhamah wahih, patseh tekíh amkatunem mok, Ampí na pam wabaráh tsoh. Anem nhamah pâh amkatunem Ampí tsoh. Anem odjiwahik katôh teh amkatunem barah mam anem. Bapoh amkira.

Paranem Manoel Kanamari

O Beija-Flor

Há muito tempo, um homem não queria fazer nada. Ele não caçava e não trabalhava. Vivia dentro de casa se balançando na sua rede tranqüilamente e não queria saber de nada. Alguns o admiravam muito porque ele não fazia realmente nada. Outros achavam que ele vivia adoentado. Já outros não estavam de acordo com ele porque ele, era um bom caçador. Sabia muito bem onde encontrar uma anta ou outros animais. Ele só caçava sozinho sem os outros perceberem.

Certo dia, ele foi caçar e, de repente, matou uma anta. Voltou logo e chegou cedo à aldeia. No outro dia de manhã, foram buscar a anta.

Naquela aldeia tinha uma mulher preguiçosa. Ela deixou o caldo da anta azedar. Quando o caçador viu isto, disse que nunca mais iria caçar para matar uma anta. Ele ficou com muita raiva e virou um pássaro que conhecemos hoje em dia pelo nome de beija-flor.

Monha Nawa Amkira



Itsaro katunem pidah na tenem wônem
aupatsemhonem, aupatsem hotûnem, amkatunem. Itsaro
hinuk anem. Anem nhama Monha nau hohô, katunem
nuk tsoh, itsaroh nhama nukupânem katunem anem
omam kipitom, ahinembak nhamah. Monha na
nûhoknem itsaro, utpasem hotânem natom. Anham
nembak nhama upatsem panem amkatunem tsoh.

Há, ú nhamah upatsêm nhamah panem amkatunem Monha hihtsoh. Udjiyatúh nhamah warah amkatunem upatsem tsoh piyah upôh katunem anem tsoh, damtom katunem upatsem warana tsoh. Kimhenah nhama audeiya patudjih amkatunem nuk tsoh, warah upatsêm madahpakah nhama amkatunem upatsêm tsoh, damtom.

Anem apaiko katunem Monha anem, anem panem amah. Amkatunem itsaro panem amah upatsêm warananem. Anem dahpakah padjah, upatsêm nembuh amamkatunem itsaro. Motsanah nhama waunah, amkatunem upatsêm tsoh, tenô am panhodak amkatunem tsoh. Ateih nhama amkatunem aduku, upôh tsôh. Pidah katunem, anem wapâh nhamah mahinanem hak tatam pidah túh katunenem anem. Bapoh amkira.

Ton Kanamari

O Homem da Abelha

Há muito tempo, uma onça queria matar duas mulheres. Uma delas estava com uma criança. A criança estava com muita sede, e, por isso, elas estavam à procura de água. Mas não acharam logo água para beber. Então elas encontraram um homem que se chamava abelha. Ele disse para as duas mulheres: – Eu tenho água para dar a vocês.

As duas mulheres foram, muito alegres, para o lugar onde o homem abelha estava. Elas beberam a água. Mas a água que ele lhes deu era mel de abelha. A mulher que

ainda não tinha um filho bebeu dessa água muito mais do que a outra. Ela ficou grávida da água que tomou. No outro dia, já nasceu a criança no meio do caminho de volta para a aldeia. O homem abelha tinha dito à mulher para deixar a criança recém-nascida no meio do caminho, na mata. A mulher deixou seu filho na mata. A criança ficou grande ainda nesse dia e foi atrás da mãe tocando flauta. A mãe escutou o som da flauta de longe e sentiu que era o seu filho. O filho alcançou a mãe. Todos dormiram na mata no meio do caminho na volta para a aldeia. No outro dia, o filho escutou o barulho de queixadas. Ele foi para flechar as queixadas. Lá ele virou onça e matou duas queixadas. Voltou ao acampamento e virou gente de novo. No outro dia, chegaram à aldeia. O rapaz era muito bonito. Uma moça da aldeia queria namorar com ele. A mãe do rapaz falou: – Filho, não saia de casa para brincar com as outras crianças. Então ela foi para o roçado. As crianças da aldeia chamaram o rapaz para brincar. Aí o rapaz não resistiu e foi brincar com as outras crianças. Elas brincaram imitando os bichos da mata. Quando fizeram a brincadeira da onça, o rapaz virou onça mesmo e matou uma criança. As crianças viram a onça matar uma delas e foram para a aldeia para contar o que tinha acontecido. A mãe do rapaz bonito pensou que a onça tinha comido seu filho. Os homens foram atrás da onça com seus cachorros, mas não a encontraram. Os cachorros pegaram os rastos da onça pela mata, corriam e corriam. Finalmente, os rastos levaram os cachorros à rede do

rapaz que tinha virado onça, mas que já tinha virado gente de novo. Os cachorros latiram muito em frente da rede. Por causa dos cachorros, os Tâkuna descobriram que foi ele que tinha matado uma criança. Então o irmão da mulher matou a criança que era onça.

Batsêh Nawa Amkira

BATSÊH NAWA AMKIRA



Tsanem ham Tâkuna, katunem Batsêh anem. Amkatunem Batsêh pah nhamah tsoh, ubah bûh katunem Batsêh tsoh. Anem padjanem nhamah butsam na bapâh nhamah amkatunem batsêh tsoh. Anem derem Batsêh am tsobâh awa ubah haih nu pârak naki awah ubah. Bapoh amkira.

Paranem Manoel Kanamari

O Veado

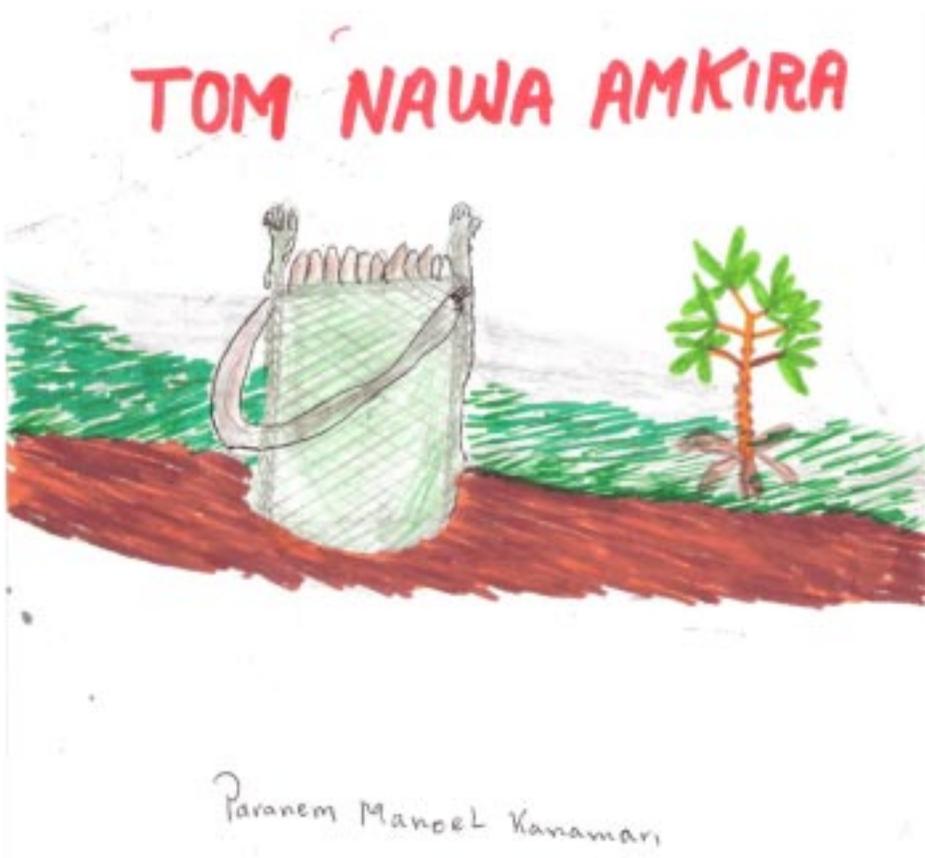
Antigamente, o veado era um ser humano igual a nós, porque gostava de praticar esporte, jogar bola de sanabi e se divertia bastante com seus amigos. Certo dia, o veado decidiu fazer um roçado e plantar nele apenas tabaco.

Ele derrubou a mata, fez o seu roçado e plantou bastante tabaco. Alguns dias depois, foi visitar o roçado. As folhas do tabaco estavam grandes e bonitas.

No outro dia, pela manhã, ele foi ao roçado para colher o tabaco. Pensava que tudo estava bem e faria uma boa colheita. Mas algo deu errado. A aranha foi esperta. Ela estava escondida por perto e prejudicou o trabalho e a vida dele. A aranha mordeu a mão do veado. Ele sentiu muita dor e ficou com tanta raiva da aranha que acabou se transformando em um animal que hoje em dia nós conhecemos como veado. Por causa dessa história, o veado tem o rapé de tabaco entre os dedos e corre muito.

Essa é a história do veado que aconteceu há muitos séculos.

Tom Nawa Amkira



Amkatunem tom ikih nhamah tsoh, udjotekik tawa katâh dah pakadjik amkatunem tom abuwa anem.

Am tâh nhamah upatsem hinuk aiham tânem na hak hak nem amkatunem tom tsoh, manteh nhamah ikih nem wô am tsoboh tom.

Bapoh amkira.

Paranem Manoel Kanamari

Os cestos

Antigamente, as pessoas não precisavam carregar os cestos. Eles mesmos andavam sozinhos e levavam a macaxeira para as casas.

Mas quando jovens indígenas começaram a flechar os cestos muitas vezes, os cestos ficaram com raiva. A partir daquele dia, os cestos pararam de carregar os produtos da terra sozinhos e não andavam mais.

Por isso, hoje em dia dá muito trabalho encher os cestos e carregá-los para casa.

Kobôh Nawah Amkira



Tâkuna Kobôh na udjiwanenham nawá amkira tsanem ham am nhamah tawá hinah abowa Tâkuna anem nhamah aubatsawá, nahokinembâh. Yowabara hak atsó Kobôh, amamkatunem awabara, anem padjanem,

uteiyana nhamah amkatunem tsoh. Anem hikitâh amkatunem Tâkuna tsoh, tunem huwih katunem Tâkuna itsonem naki. Anem padjanem nhamah waudjih amkatunem kanamari tsanem ham tsoh.

Amkatunem Tâkuna awá djah hûh nem bak teh katunem bava hinuk, bakatuná. Barah motsah amkatunem Tâkuna itsonem naki waudjih nhamah. Howi katunem barah hinuk ahek nem, Tâkuna kuneh katunem barah hinuk tsanem anem.

Waudjih nhamah audeiya atekok nham, naki nhamah waudjih amkatunem tsoh nobak katunem tsoh. Audeiya warah hinuk nem bak, katunem nubawak nem kutâh. Inuh adoh doham ihôh nem itsaro búh, am teiyam makorûh huwah, anem padjahnem hitsam ,uh oparanem kutudâh, matsirah, huwah nhamah ahûh nem kutudâh, anem padjahnem kutudâh marûh, huwih katunem awadjah, hunem barah anah, hinuk. Tshipoh, bêm, kiwa, anem padjahnem nhamah tsomah huwâ ahûh kutudâh, opararah katâh tsomah huwâ parah, ahek nhamah.

Baunem tawah uwah katunem, tsomah anem. Awáh barâh nhamah wahokinem bûh, hanakih ideik tawa uwah kutâh awáh. Baráh namam nhamah tsomah huwah tsoh. Baunem tatam adoh tawa hinahinam anem, anem anhamah amkatunem tsomah. Tsoh awah audeiya naki nem bak, nhamah amkatunem tsoh, awa Tâkuna natatam nem bak nhamah wauna amkatunem tsoh. Bapoh amkira.

Ton Kanamari

O Homem e o Pássaro Arapuru

Um dia, um homem Tâkuna foi com sua esposa ao seu roçado para buscar macaxeira. A caminhada para o roçado foi ótima. Os dois arrancaram a macaxeira e trouxeram muita macaxeira. E quando voltaram?

Quando retornaram para casa, pensando que não iria acontecer nada de ruim, já no meio do caminho, ouviram um pássaro chamado Arapuru cantando, ou melhor, assobiando na margem esquerda do caminho. A mulher mandou o esposo matar o Arapuru para comer a carne dele. O marido foi, levou arco e flecha, tentando matar o Arapuru. O Tâkuna flechou várias vezes, mas o pássaro continuou voando para um lugar mais distante, onde a mulher estava. O caçador foi atrás do pássaro até que a noite chegou. Ele não conseguiu matar o Arapuru.

O caçador tinha que dormir na mata e não conseguiu retornar para casa tão rápido. Ele continuava vivendo na selva, sem saber onde estava. Durante o período que passou na selva, ele chegou a conhecer várias espécies de animais que falavam a língua do ser humano. Quando ele chegava a uma aldeia desconhecida, ficava contente com as pessoas, e elas também se alegravam com ele. Ele fazia rapidamente amizade com as pessoas. E logo se casava com uma mulher de cada aldeia. Primeiro casou-se com jacamim, depois com uma porca do mato, no outro dia com nambu, no outro dia com tatu canastra, depois com tatu bola, no outro dia

com um mutum e depois com uma paca. Quando se casou com uma cutia que anda de dia, ele viu que ela estava trazendo macaxeira de um roçado por perto. Quando perguntou à cutia onde ficava o caminho para o roçado, aí ele descobriu que estava perto do seu próprio roçado. Ele ficou perdido por um período de trinta dias na selva e passou por muitas dificuldades. Ele se alegrou e finalmente chegou à aldeia onde suas famílias moravam.

Paranem Manoel Kanamari

Pidah Nawa Amkira

PIDAH NAWA AMKIRA



Abúh, katunem tudah anem, anem nhamah paiko abúh waikuhûh amkutunem tsoh. Anem pidah, amkutunem anem tudah, anem paiko. Tâkuna nhamah waukunem buh, awa miyo tsoh. Na antam ibuh tudah

hina, hinam, kutuk miyo? Amah am nhamah amkutunem tsoh. Awa miyo tsoh am udjiyanem, nhamah awa miyo, nama am tsoh. Anem awa miyo, nama, am tsoh damtom.

Mi, i, kutunem awa deik anem. Anem da antunem awa miyo. Nama am, iya no i tûmam, nem wuh padjatsa iya ama, amkatunem, tûwara kuro têh am padja djibu amamkutûnem. Anem paiko, nakurok nhamah am kutûnem tsoh. Tudah tom naki da adji nhamah, paiko inutûnem nhamah, hak, udju tûh kimheh nhamah paiko kutûdah waúna nhamah paiko kutûda, hiri nhamah kutûdah awara kurok nhamah, anem anaki huwetûh, haitâmam nhamah anemtam anaki, ayo, nhamah amkatunem paiko tsoh.

Awara nhamah wahedji, tuteiyanateh, tûimamtûh, nhobuh, hi, i, tûmam tûnhobuh, atsa tudah ambu. Anem nhamah, hiri hai dukinah, tû daipukidji amkatunem tsoh, anham hum nhamah ateih paiko. Anem nhamah paiko tsûkûh tsoh waudji tûh nhamah amkatunem paiko tsoh. Tsûkûh nem derem, anem padjanem nhamah, aira, aira, amkatunem tsoh. Bapoh amkira Tâkuna Kanamari.

Ton Kanamari

História da Onça

O cunhado de um Tâkuna chamava-se patauá. Ele era um ser humano. Quando ia para a mata, ele trazia muito patauá para casa. Por causa disso, os Tâkuna o chamaram por este nome. Ele gostava de fazer isso. Mas ele mesmo era o patauá, pois se transformava em patauá na mata. O irmão da esposa do patauá era muito curioso e começou a perguntar à sua irmã: – Onde o cunhado encontra tanto patauá? A mulher do patauá sabia de tudo, pois seu marido tinha contado a ela todo o seu segredo. Mas o patauá tinha falado muitas vezes para ela: – Não conte nada para ninguém, porque eu não quero que ninguém descubra o segredo do meu trabalho. A própria esposa não sabia que ele se transformava em patauá e que se transformava também numa onça pintada.

Mas certo dia ela não resistiu às perguntas do irmão e contou tudo o que tinha guardado em segredo até então. Ela ensinou ao irmão o caminho e mostrou a direção para onde o patauá sempre ia. O irmão seguiu o seu cunhado para pegar patauá também.

Ele chegou ao lugar do pé de patauá e subiu. Tirou caroços de patauá. Mas ele pegou poucos caroços e foi para casa. Quando chegou perto de casa, percebeu que o pano não estava cheio. Então ele voltou para tirar mais. Tirou de novo caroços, mas não encheu o pano. Então subiu no pé e derrubou um cacho de patauá intei-

ro e juntou os caroços. Mas tinha tantos caroços que não acabavam mais. Os caroços aumentavam cada vez mais.

De repente apareceu o patauá, o dono do patauá. Ele perguntou ao seu cunhado: – Quem deu ordem para você tirar os caroços de patauá? O cunhado dele respondeu: – Foi a minha irmã.

O patauá falou que não era para tirar os cachos, só os caroços.

O patauá pegou o cacho que o cunhado dele tinha tirado e subiu no pé de pupunha. Lá ele tentou colocar o cacho de novo na pupunheira. Mas o cacho não ficou e caiu.

O patauá ficou com muita raiva, virou onça e matou o cunhado. Ele comeu seu cunhado todinho. O patauá voltou para a aldeia, mas ficou só perto da casa da sua mulher e começou a arrotar. De lá ele foi embora e nunca mais voltou para sua mulher.

A mulher percebeu, pelo cheiro do arroto da onça, que ela tinha matado seu irmão.

Por causa dos caroços espalhados na mata, temos hoje muitos pés de patauá.

Piyoyom Nawa Amkira



Anem Tâkuna katunem anem Piyoyom, anem nhamah Tâkuna hinuk, amah, am ihak kodoh. Kidak patehtam, kodoh kidak tsoh, anem nhamah ahak

amkatunem tsoh maripû katû, dapurô upokidji nhamah amkatunem kodoh kidak tsoh. Karatsi mam upatudji nhamah ukinuk, Tâkuna hinuk atukû udjuwahi amkatunem tsoh.

Bah ubawah Tâkuna amkatunem djahianem tsoh, itsaro, piya. Bah ikik, itsaro, bah ikik, piya amkatunem Tâkuna hinuk djahiam nem tsoh, anem nhamah baitana nhamah huwe, amkatunem! Tâkuna hinuk tsoh.

Bapoh amkira.
Ton Kanamari

O Sapo Piyoyom

Há muito tempo, o sapo Piyoyom era um ser humano que gostava de caçar com a zarabatana. Certo dia, ele falou para os Tâkuna: – Eu vou flechar o velho céu, que já viveu muitos anos. Ele foi, cumpriu a sua palavra e flechou o velho céu com a sua zarabatana. Vários pedaços de pedra caíram do velho céu. Depois dessas flechadas, o sapo Piyoyom avisou dez pessoas, cinco homens e cinco mulheres para se esconder junto com ele debaixo de um pé de jaci, que é um lugar bem seguro, das pedras que estavam caindo do céu velho. Todos os outros Tâkuna morreram. Só as dez pessoas que esta-

vam com Piyoyom ficaram vivas. Até hoje o pé de jaci é um lugar bem seguro. Até hoje nunca caiu um raio nele.

Com o tempo, aumentou a população de novo, e hoje tem muita gente na terra.

Etakirakom Kutsiya Nawa Amkira

KUTSIYA NAWA AMKIRA



Amkatunem howahinuk buwantetanem, baúnem odan tom nhamah kimhinanem, tawapih, otom tudji, anem nhamah, dakudji kudjiyam, anem nhamah maúhuhuh Kutsiya tsoh dom nhamah Kutsiya nanuhuk nem tsoh matom.

Amkatunem, hanem nhamah, ibúh, idja, anem paiko, baúk nhamah awa tukurimeh wanubûnem. Nhamah paiko hinuk utâkûhokik nhamah paiko hinuk tsoh. Na am nem deremtam tsubatsawa hinûk dom, mamkotûh, ibúh, idja, anem paiko, baúk nhamah awa tukurimeh wanubûh tsoh. Atekoduh nhamah awara nhamah amah am nem, anem watahi, okutô tûdji katunem, anem kuramam am, tudah, am katunem anem. Paiko hinûk nhamah itsaro hinûk tûh, katunem anem tsoh Kutsiya hinûk nhamah mamah komhunem, mateh, nhamah amkatunem tsoh. Maúbatsawa nahom, anempadjanem mabubûh amkatunem huwa hinuk tsoh. Anem madak amtekih nhamah paiko. Hinuk baúnem nah, anem nhamah huwa hinuk ukunem hikih. Wiri páh nhamah amkatunem huwa hinuk tsoh. Bapoh amkira.

Ton Kanamari

História das Lontras

Há muito tempo, as mulheres dos Tākuna foram buscar macaxeira. Na volta para a aldeia, elas deixaram os seus paneiros com a macaxeira no caminho. Tomaram banho no igarapé que passava perto do caminho.

Lá elas chamaram as lontras fazendo barulho na água. As lontras apareceram, e as mulheres tomaram banho no igarapé junto com as lontras e fizeram amor com elas. As lontras trouxeram peixe para cada uma das mulheres Tākuna em troca de poder fazer amor com elas.

Depois disso, elas seguiram o caminho para a aldeia. Assim, as mulheres passaram a fazer isto seguidamente. Os homens ficaram curiosos para saber como as suas mulheres conseguiram tantos peixes. Eles pediram ajuda ao pajé.

O pajé conversou com o seu irmão, cunhado e amigos e disse: – Eu vou colocar feitiço na beira do igarapé para vigiar nossas mulheres e descobrir por que elas trazem tantos peixes cada vez que vão para o roçado.

O pajé transformou-se em cobra cipó e ficou pendurado no galho de uma árvore debaixo do igarapé. Ele viu o que as mulheres faziam com as lontras e contou tudo o que estava acontecendo com as mulheres para os homens da aldeia.

No outro dia pela manhã, os homens mandaram suas mulheres trabalhar num outro canto. Eles disseram que iam buscar macaxeira no roçado. Fizeram tudo do mesmo jeito que suas mulheres faziam. Eles chamaram as lontras fazendo barulho na água. As lontras vieram, pensando que fossem as mulheres da aldeia. Aí os homens mataram todas as lontras e trouxeram apenas os peixes para casa.

Quando as mulheres chegaram às suas casas, os homens já tinham preparado a comida. As mulheres comeram com muita tranqüilidade. Depois disso, cada um dos homens pegou a sua esposa, e eles bateram nelas com espinhos de tucumã. As mulheres ficaram cheias de espinhos. Ficaram com muita raiva de seus maridos e viraram queixadas. Elas foram embora e nunca mais voltaram.

Pudak Padja Mawéh Paiko Nawa Amkira



Amkatunem paiko Mawéh nawakuponenem hiweh mantom.

Anem adewakom pehkek, amkatunem Mawéh, hiweh wara kahtúh anem aubatsawa nahom, katúnem paiko, nuhteh, ubawakatâh.

Uparah dia nem nhamah paiko, wamamtúh katúnem tsoh, anem nhamah tuwukúh, nahidji, hiweh mambitsi bedji katúnem tuwôkúh, anem paiko nhamah waúkunembúh Tâkuna wamam tuwôkúh tsakoh. Anem nhamah akunemhû, hûitsawah amamkutúnem paiko tsoh.

Tâkuna adúh teiyam anem itsawah, hûitóh tentehkik nem wúh kiadoh itóh hû darahah atsapok, itsawah, paiko nadarahak. Nhama, paiko nakiayoh katunem tuwôkúh, pudak, padja nhamah paiko watemteteh amkatunem tsoh. Bapoh amkira.

Ton Kanamari

História da preguiça

Antigamente a preguiça era gente. A preguiça fazia amor com a mulher de um Tâkuna. Mas o Tâkuna não sabia que sua mulher estava fazendo isto. Certo dia, o Tâkuna foi caçar e achou um pé de fruta da sorva.

À noite, o Tâkuna contou para sua mulher que ele tinha visto um pé de fruta na mata. A esposa dele se animou, e no outro dia foram buscar as frutas. Quando

eles chegaram lá, o Tâkuna fez uma pecunha e subiu na árvore. Enquanto o Tâkuna estava lá em cima, a preguiça chegou e fez amor com a mulher debaixo do pé de sorva novamente. A preguiça pediu para o Tâkuna lá em cima: – Ei, Tâkuna, jogue uma fruta bem madura em cima da minha barriga, acerte bem! O Tâkuna jogou a fruta, e a preguiça desmaiou. A mulher do Tâkuna buscou água para a preguiça. Então a preguiça acordou e ficou com muita raiva do Tâkuna. Ela soprou nas outras árvores ao redor do pé de sorva para que todas as árvores ao redor ficassem bem longe do pé no qual o Tâkuna estava. Aí ele não podia descer, pois o pé da sorva é muito grosso. Naquele mesmo dia, o pé de sorva secou. O Tâkuna já estava três dias em cima da árvore. Aí chegou o pica-pau, e o Tâkuna pediu para ele que o tirasse de cima da árvore. Mas o pica-pau não conseguiu. Então o pica-pau foi buscar o urubu para tirar o Tâkuna da árvore. O urubu conseguiu, finalmente, tirar o Tâkuna do pé de sorva, e ele voltou para a aldeia. E a preguiça ficou com a mulher do Tâkuna.

MAWI NAWA AMKIRA

